

NATIVISMO GAÚCHO

Sérgio Amad Costa

O retorno do “nativismo”, sobretudo no Sul, está em pleno curso e não há ainda a necessária distância para podermos verificar, com clareza, até onde chegam suas influências, nem apareceu um teórico para enunciar os conceitos da mais nova fase do gauchismo. De qualquer maneira, um significativo segmento da população do Rio Grande do Sul e de outros Estados vem “curtindo” a roda de fogo, o chimarrão, o fandango, o churrasco informal, o pingó, a música regional, a declamação, etc., numa exótica mistura de telurismo, culto dos antepassados, farroupilhismo gaúcho cívico, regionalismo literário, tradicionalismo e nativismo. Conforme as circunstâncias, o local, a faixa etária, predomina um ou outro desses aspectos. É este panorama cultural em que Barbosa Lessa, um dos fundadores do primeiro Clube da Tradição Gaúcha — o CTG-35 —, situa seu livro **Nativismo: um fenômeno social gaúcho** (Porto Alegre, L & PM, 1984).

Trata-se de trabalho assaz atraente, onde o autor apresenta uma síntese muito clara e empolgante da evolução da cultura sul-riograndense, desde o início do século passado até os dias atuais. Para compreendermos como se manifesta o recente “nativismo” dos jovens do Sul, é inevitável conhecer aspectos básicos de suas raízes. Assim, antes de tratar de questões pertinentes aos primeiros movimentos tradicionalistas, com o “regionalismo” literário da década de 20, descobrindo a temática gaúcha, e a formação dos Clubes de Tradição Gaúcha, após a II Guerra Mundial, o ensaísta salienta a origem e a importância de hábitos e costumes que marcaram e ainda marcam a sociedade pastoril do Rio Grande do Sul.

Impossível compreender tal cultura se não se souber, por exemplo, o significado do “galpão” das estâncias. “Não é o que os outros entendem como uma simples construção. Algo mui sério, patricio. O hospitaleiro refúgio onde todos são irmãos. Todos da mesma iguala, na mesma bomba de mate. O mate corre na volta sem conhecer hierarquia. Mesmo o patrão, se ali chega, espera sua vez na roda! E onde é que já se viu isso?!” Mas o autor não pára por aí. O pago, a bombacha, o chimarrão, a dança, a música, a literatura, o despertar da consciência nativa também são discutidos neste trabalho, onde a cultura popular sulina é vista não de forma saudosista, mas, sim, viva, com a seriedade e o respeito que lhe são devidos. Trata-se de um livro — embora de poucas páginas (119) — que enriquece nossa bibliografia sobre culturas regionais.